

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL: os alicerces teóricos de uma pesquisa¹

Maria Giovanna Guedes Farias²

RESUMO:

Apresenta recorte teórico de tese de doutorado em Ciência da Informação, cujo objetivo se concentrou em analisar o processo de produção, implementação e avaliação de um modelo de mediação da informação, com vistas a oferecer subsídios teórico-metodológicos para promoção do protagonismo social nos moradores de uma comunidade. Nesta comunicação, evidenciam-se apenas fundamentos conceituais em torno da mediação da informação e do paradigma social da área em questão, os quais conduziram todo o caminho dentro do campo de estudo, a exemplo de ações de informação pensadas e aplicadas para e com os sujeitos da pesquisa. Os resultados demonstram que o mediador, ao atuar em uma comunidade, pode ajudar os moradores, levando ao conhecimento dos interessados, os aspectos que envolvem alguns graus de empoderamento e a necessidade de discussão de todas as informações necessárias para se pleitear políticas, projetos e ações. Conclui-se que a informação mediada tem o poder de conduzir o sujeito ao protagonismo social, impulsionando-o a participar ativamente de processos decisórios na sociedade da informação.

Palavras-chave: Mediação da informação. Paradigma social. Comunidades. Protagonismo social.

MEDIATION OF INFORMATION AS SOCIAL PRACTICE: the theoretical foundations of research

ABSTRACT:

It presents theoretical clipping of a doctoral thesis in Information Science, whose objective focused on analyzing the production process, implementation and evaluation of an information mediation model, in order to offer theoretical and methodological subsidies for promoting social leadership the residents of a community. In this communication, we showed only conceptual foundations around the information mediation and social paradigm of this area, which led the entire walk within the field of study, like thought information provision and applied for and the subjects. The results demonstrate that the mediator, to work in a community, can help residents, leading to the knowledge of those concerned, the aspects that involve some degree of empowerment and the need for discussion of all the information necessary to plead policies, projects and actions. It concludes that the mediated information has the power to lead the subject to social leadership, urging him to actively participate in decision-making processes in the information society.

Keywords: Information mediation. Social paradigm. Communities. Social leadership.

¹Tese de doutorado defendida em dezembro de 2014 no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, intitulada: “Análise da produção, implementação e avaliação de um modelo de mediação da informação no contexto de uma comunidade urbana”. Orientadoras: Profas. Dras. Aida Varela e Isa Maria Freire.

²Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil. Professora do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, Brasil. E-mail: giovannaguedes@ufc.br.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta reflexões teóricas de pesquisa de doutorado em Ciência da Informação (CI), cujo objetivo se concentrou em analisar o processo de produção, implementação e avaliação de um modelo de mediação da informação, com vistas a oferecer subsídios teórico-metodológicos para promoção do protagonismo social nos moradores da Comunidade Santa Clara (CSC), localizada em João Pessoa.

Nesta comunicação, evidenciamos parte do delineamento teórico desta pesquisa, com foco principalmente nos fundamentos conceituais em torno da mediação da informação e do paradigma social da CI, a partir das reflexões de Capurro, Hjørland e Albrechtsen, os quais conduziram todo o caminho dentro da comunidade estudada. Além disso, tratamos brevemente dos resultados da pesquisa, no que concerne à montagem e aplicação de uma capacitação, cuja temática foi escolhida pelos próprios moradores da Santa Clara, os quais desejavam se preparar para entrevistas de trabalho.

2 DELINEAMENTO TEÓRICO DA PESQUISA

Apoiamos esta investigação nos alicerces teórico-conceituais da mediação da informação como prática social, que têm como base os pressupostos teórico-metodológicos da CI, que, nesta pesquisa, está fundamentada em uma perspectiva do paradigma social de Hjørland e Albrechtsen (com o *domain-analytic paradigm* e o domínio do conhecimento como comunidades do pensamento ou do discurso), com profundo diálogo com a hermenêutica de Capurro e de Gadamer (na pré-compreensão, produção de sentido e na preocupação com a alteridade, de ser com o outro) e com o sócio-interacionismo vygotskyano (em uma perspectiva social da informação, considerando os fatores históricos e culturais dos sujeitos em caráter coletivo de ação). Teorias que se relacionam por apresentarem criticidade social, levando em consideração que a hermenêutica é processo crítico-cognitivo, e o sócio-interacionismo é processo histórico-cultural.

Consideramos pertinente, nos aportamos, principalmente, em Hjørland e Albrechtsen para tratar do paradigma social da CI, já que os autores vêm desenvolvendo estudos nessa área desde a década de 90, propiciando a fertilização de um ambiente propício a efetiva aplicabilidade desse paradigma denominado por eles como paradigma analítico do domínio '*domain-analytic paradigm*', o qual estabelece que: a “[...] melhor forma para compreender a informação em CI é estudar o domínio do conhecimento como comunidades do pensamento

ou do discurso, que são partes da divisão de trabalho na sociedade.” (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995, p. 400, tradução nossa). De acordo com os autores, o *domain-analytic paradigm* é um paradigma social e concebe a CI como:

[...] uma das ciências sociais; com uma abordagem funcionalista, procura entender a função implícita e explícita da informação e comunicação, para delinear os mecanismos subjacentes ao comportamento da informação dessa compreensão; e ainda como abordagem realístico-filosófica tentando encontrar as bases para a CI em fatores que são externos para as percepções individualistas-subjetivas dos usuários em oposição, por exemplo, aos paradigmas cognitivo e behaviorista. (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995, p. 400, tradução nossa).

A definição de Hjørland e Albrechtsen apresenta o paradigma social da CI como conjunto de estudos voltados para atividades a serem desenvolvidas com os sujeitos, e não apenas para eles, levando em consideração a realidade social, econômica, histórica e política de cada campo de pesquisa, bem como, “[...] as condições sociais de produção do *habitus* e *capital* de cada sujeito, além de seus conflitos, subjetividades, relações de força e poder, interesses, contradições e tensões que alimentam, historicamente, e progressivamente, o *campo* de conhecimento.” (NASCIMENTO; MARTELETO, 2004, p. 9). O paradigma social da CI não concebe a informação o *status* de “coisa” ou a restringe as formações cognitivas individuais, como explica Martins (2013, p. 2), pelo contrário trata de inserir o sujeito como protagonista no cerne dos processos informacionais: “A informação é localizada, portanto, em seus matizes históricos, econômicos, culturais, tecnológicos, sociais e políticos.”

Na visão de Capra (1996, p. 16) o paradigma social é “[...] uma constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza.” Essas práticas de que trata o autor, são, segundo Nascimento e Marteleto (2004, p. 2), as práticas sociais produzidas pelos protagonistas em seu espaço social “[...] estruturado pelo conjunto de ações, representações e interações sociais que os sujeitos enfrentam.”

Ao refletir sobre as palavras dos autores, que trabalham com o paradigma social na CI, é possível mensurar a relevância da aplicação teórica e metodológica desse paradigma, e inferir que se faz premente a produção de mais estudos direcionados às dimensões sociais e culturais da informação, onde, conforme Nascimento e Marteleto (2004, p. 1), a captação e a interpretação da informação acontecem, indicando que os problemas informacionais de

determinados campos de conhecimento estão ligados “[...] aos objetos, operações e relações entre o que os seus participantes percebem como importante dentro do acervo de soluções e experiências acumuladas e daquelas disponibilizadas para a sociedade.” As autoras ainda enfatizam que a Ciência da Informação tem direcionado seu olhar mais para:

[...] a facilitação ou adaptação da comunicação indivíduo-sistema, do que [para] o entendimento ou explicação de sua prática social. Não há dúvidas que os processos de produção, transferência e uso das informações são sociais, já que eles acontecem entre a sociedade e suas relações sociais. E, por isso, estão concatenados ao desenvolvimento social, que é fruto do crescimento urbano e comercial, da diferenciação de classes, da especialização do trabalho, das inovações tecnológicas, do acesso educacional, do bem-estar social e do entretenimento, no quadro da modernidade ocidental. (NASCIMENTO; MARTELETO, 2004, p. 4).

Concordamos com as autoras quando afirmam que, centrar as pesquisas apenas na “facilitação ou adaptação da comunicação indivíduo-sistema” indica uma postura de dominação do paradigma cognitivo do sujeito isolado, sem procurar compreender sua prática social, o que demonstra não ser suficiente para responder as demandas de pesquisas que priorizam estudar o sujeito em seu contexto como protagonista que interage com sua realidade social.

Dessa forma, retificamos que mesmo ainda sendo emergente, entendemos que as características teórico-metodológicas do paradigma social podem preencher as lacunas apresentadas acima, deixadas pelo paradigma cognitivo, mesmo que para isso, seja necessário estabelecer um diálogo com teorias filosóficas que apresentam criticidade social, a exemplo da **hermenêutica** de Hans-Georg Gadamer, a qual foi atribuída o significado apenas de pré-compreensão textual, mas, de acordo com Gadamer (1997, p. 441), “[...] compreender significa, primeiramente, sentir-se entendido na coisa, e somente secundariamente destacar e compreender a opinião do outro como tal.”

As palavras de Gadamer (1997, p. 438) proporcionam indícios de que na hermenêutica há um forte sentido de alteridade e de respeito ao diálogo com o outro, de escutá-lo e de se questionar, não sobre que fazemos ou devemos fazer, “[...] mas sim sobre o que acontecerá conosco em relação ao nosso desejo e ação [...]”, essa é uma questão que nos indica um caminho em direção ao saber e nos conduzir a arte de pensar. Isso ocorre, pois:

A hermenêutica tem de partir do fato de que, quem quer compreender está vinculado com a coisa em questão que se expressa na transmissão e que tem ou alcança uma determinada conexão com a tradição a partir da qual a

transmissão fala. Por outro lado, a consciência hermenêutica sabe que não pode estar vinculada à coisa em questão, ao modo de uma unidade inquestionável e natural, como se dá na continuidade ininterrupta de uma tradição. Existe realmente uma polaridade entre familiaridade e estranheza, e nela se baseia a tarefa da hermenêutica, [...] isto é, com atenção posta no que foi dito: a linguagem em que nos fala a tradição, a saga que ela nos conta. (GADAMER, 1997, p. 442).

A tradição nos contou a saga da oralidade e da transmissão da cultura na Comunidade Santa Clara durante nossa pesquisa de mestrado, que tem na voz dos mais velhos o respeito pelos ensinamentos propagados durante conversas informais, que demonstram a preocupação com o outro, pois para compreendê-lo devemos, de acordo com Schönherr-Mann (2010), comparar e considerar as diferentes perspectivas a respeito de um diálogo, e se essas perspectivas se sobrepõem, pode-se entrar em um processo de ‘fusão’ com o outro, o que Gadamer chama de "fusão de horizontes", um dos vários conceitos apresentados em seu livro *Verdade e Método (Wahrheit und Methode)* e que objetivam apresentar alternativas para resolução de alguns desafios atuais, sejam conflitos culturais ou o lado sombrio do progresso tecnológico. Esses conceitos são utilizados na Ciência da Informação que utiliza a hermenêutica como paradigma e que conforme Capurro (2003, s. p.):

[...] postula justamente a diferença entre pré-compreensão, oferta de sentido e seleção, tomando como marco de referência, não a pré-compreensão de um sujeito ou usuário isolado, mas a de determinada comunidade assim como a de um campo específico de conhecimento e/ou de ação no qual o usuário está já implícita ou explicitamente inserido.

Essas características fazem da hermenêutica um método das ciências do espírito (*Geisteswissenschaft*), uma denominação alemã para as ciências sociais e humanas, que permitiria manter aberto o sentido da verdade histórica própria da ação e pensamentos humanos. (CAPURRO, 2003). Um método que, nesta investigação, permite a não adoção de uma postura absolutista dentro do campo de pesquisa, e sim a interação dialógica com os sujeitos reconhecendo a necessidade de ouvir e procurar interagir com eles diante da realidade que os cerca, pois para a hermenêutica de Gadamer devemos estar alertas para a ilusão de “[...] compreender o homem como ser-no-mundo sem considerar que também é um ser-em-conversa-com-os-outros.” (AGUILAR, 2004, p. 16). Esse mesmo autor confirma que Gadamer sempre primou pela postura do diálogo, do saber escutar, empregando o conhecimento da autolimitação, que é a compreensão de que, quem não ouve ou ouve mal, é quem escuta constantemente a si mesmo.

De acordo com Aguilar (2004), para Gadamer, ser demasiado cheio de impulsos e interesses próprios faz parte da condição humana, por isso, a verdadeira humanidade do homem consiste em, superar os obstáculos, e ser capaz de entrar em diálogo, mesmo que não se encontre palavras capazes de expressar algo definitivo. É essa a essência do diálogo, que não tem, em princípio, nenhum fim, pois sempre podem surgir novos elementos em nosso espírito, que proporcionem a ideia do acolher o que o outro realmente quer dizer, e buscar e encontrar o terreno comum para além de sua resposta. Para que isso ocorra:

É necessário liberar as possibilidades criativas e alcançar o entendimento que envolve a linguagem. Isso só pode ser conseguido com o intercâmbio vivo de ideias. Por isso, o pluralismo que vivemos em todos os âmbitos tem um significado verdadeiramente produtivo. O mundo pluralista em que vivemos representa um novo desafio, a nova torre de Babel. Nesta perspectiva, podemos compreender que para Gadamer a nova tarefa da filosofia é salvaguardar espaços abertos de convivência, mesmo sobre o estranho. (AGUILAR, 2004, p. 14).

Percebemos que ao pensar nos espaços abertos de convivência, Gadamer expressa ao máximo suas reflexões do cuidado (Sorge) com o outro, do estar com o outro (Mit-Sein), de ter a consciência aberta ao mundo, ao outro, pois, segundo Fernández-Labastida (2006, p. 60) na visão de Gadamer, o “[...] homem experimenta a finitude propriamente no limite dos que toma consciência em sua experiência da alteridade, ou seja, a relação original de "ser-aí" com o outro”, e por isso a hermenêutica é explicada por Gadamer como uma forma de entender a nós mesmos, ao mundo que nos rodeia e de nos relacionarmos com ele, e não sobre um método ou uma técnica de interpretação de textos.

Para compreendermos a nós mesmos e ao outro, precisamos entender o processo histórico e social que nos cerca e, para isso, podemos nos utilizar dos pressupostos do **sócio-interacionismo** de Vygotsky (1991), que trata do conceito de mediação na relação do homem com o ambiente, ou seja, na interação do homem com o mundo, que se dá justamente por processos sociais, culturais e históricos pelo uso de instrumentos, de signos, que foram e são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural.

De acordo com Vygotsky (1991), o uso de instrumentos pelos homens tem efeitos nas relações internas e funcionais no interior do cérebro humano, e os ajudam a se relacionarem mais eficazmente com seu ambiente. De acordo com o autor, nas formas superiores do comportamento humano, o indivíduo modifica ativamente a situação estimuladora como uma

parte do processo de resposta a ela, e essa totalidade da estrutura dessa atividade produtora do comportamento foi denominada por Vygotsky de mediação. Para ele, a internalização dos sistemas de signos produzidos culturalmente provoca transformações comportamentais e estabelece um elo entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual.

O mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento tem sua origem na sociedade e na cultura, conforme Vygotsky (1991, p. 9), havendo uma “[...] íntima relação entre a sua natureza fundamentalmente mediada e a concepção materialista dialética de mudança histórica.” Para o autor, a mediação pode promover a interação entre os indivíduos e, a partir desse contato/comunicação, possibilita a construção de novos aprendizados, os quais são vistos por Vygotsky (1991, p. 148) como um processo profundamente social:

[...] que enfatiza o diálogo e as diversas funções da linguagem na instrução e no desenvolvimento cognitivo mediado. [...] Nessa teoria, o ensino representa, então, o meio através do qual o desenvolvimento avança; em outras palavras, os conteúdos socialmente elaborados do conhecimento humano e as estratégias cognitivas necessárias para sua internalização são evocados nos aprendizes segundo seus "níveis reais de desenvolvimento".

Em sintonia com Vygotsky sentimos a necessidade, a partir da experiência dentro do campo de pesquisa, de elaborar conteúdos para uma capacitação promovida para os moradores da CSC, focados nos “níveis reais de desenvolvimento” e da realidade que os cerca, localizando as possíveis brechas onde o mediador pode fazer o diferencial, visando que os sujeitos da pesquisa se apropriassem das informações e internalizassem o aprendizado, para externá-lo no momento em que para eles for necessário, a exemplo de uma entrevista de trabalho.

Os fundamentos em torno da pesquisa evidenciam o quanto à questão social permeia todo trabalho teórico-metodológico, guiando-nos em todas as etapas dentro de ambos os campos estudados, e nos levando a corroborar com Hjørland e Albrechtsen (1995, p. 400, tradução nossa), de que a “[...] Ciência da Informação deveria ser vista como uma ciência social, em vez de uma ciência cognitiva. Deveria ainda construir princípios como instrumentos para otimizar determinadas práticas sociais de natureza informativa.” Ademais, ponderamos a respeito do paradigma da apropriação da informação social na CI, onde os sujeitos são protagonistas de suas próprias histórias, e procuram se apropriar para produzir conhecimento, para benefício próprio e do seu grupo.

Conforme Almeida Júnior (2007, 2004), a apropriação da informação ocorre no processo de mediação, se constituindo em uma ação de produção e não puramente de consumo, pressupondo uma alteração, uma transformação, uma modificação do conhecimento, onde apenas o usuário pode determinar a concretização efetiva da informação. Essas ações são caracterizadas como uma ação planejada de interferência do mediador. Ainda segundo Almeida Júnior (2015, p. 25) a mediação da informação se caracteriza como:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades.

É justamente essa ação de interferência para o desenvolvimento do protagonismo social, que promovemos na Santa Clara por meio de técnicas, instrumentos, suportes, recursos, agentes e processos da mediação da informação e que, como explicam Perrotti e Pieruccini (2007), deixam de ser simples artifícios de transferência de conteúdos informacionais, para se constituírem em verdadeiros dispositivos produtores de sentidos.

A contextualização dessa pesquisa com ações de interferência como práticas sociais e mediacionais, desenvolvidas na práxis junto com os moradores, nos leva a pensar que a CI está imersa em um paradigma social. Esse pensamento pode ser confirmado pela observação de Gracioso (2008, p. 157), de que “[...] ao desamarrarmos a informação de paradigmas físicos e cognitivistas, agregamos a ela uma potência de transformação social.” Para que essa potência se transforme em realidade, Varela (2007, p. 49) alerta que, é preciso dispor de mecanismos e metodologias eficientes, capazes de alargar a socialização da informação, “[...] criando condições para que as informações sejam adequadamente distribuídas, de forma a produzir conhecimento e alcançar sua finalidade, que é promover o desenvolvimento.”

A produção do conhecimento, segundo alguns teóricos, parte de dois pressupostos epistemológicos: o conhecimento é gerado na prática, nas relações sociais concretas e a realidade está em constante movimento, portanto, construindo-se. Desta forma, o conhecimento é sempre um aspecto seletivo de determinado objeto, não existindo a possibilidade da neutralidade do conhecimento. (VARELA, 2007, p. 48).

Essa não neutralidade do conhecimento e os pressupostos epistemológicos, que permeiam seu processo de produção, são considerados relevantes para outro tipo de produção,

a do processo de conscientização, de compreensão de que o sujeito tem de si próprio e da realidade que o cerca, da sua história e da sua atuação na construção histórico-social do seu entorno. Por isso, nos cercamos das teorias de Paulo Freire para tratar da ação libertadora, já que as ações de informação promovidas na Comunidade Santa Clara, junto com os moradores, visam à libertação, no sentido de haver por parte deles uma recusa à acomodação, incentivando o estímulo à mobilização e à superação das adversidades. Segundo Freire (1981, p. 65):

O ponto de partida para uma análise, tanto quanto possível sistemática, da conscientização, deve ser uma compreensão crítica dos seres humanos como existentes *no* mundo e *com* o mundo. Na medida em que a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isso é, um ser consciente, a conscientização, como a educação, é um processo específico e exclusivamente humano. É como seres conscientes que mulheres e homens estão não apenas no mundo, mas como o mundo. Somente homens e mulheres, como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora. E é enquanto são capazes de tal operação, que implica em “tomar distância” do mundo, objetivando-o, que homens e mulheres se fazem seres *com* o mundo. Sem esta objetivação, mediante a qual igualmente se objetivam, estariam reduzidos a um puro estar no mundo, sem conhecimento de si mesmos nem do mundo.

A recusa à acomodação impulsiona os sujeitos a estarem **com** o mundo, pois somente quem consegue refletir sobre sua própria limitação é capaz “[...] de libertar-se desde, porém, que sua reflexão não se perca numa vaguidade descomprometida, mas se dê no exercício da ação transformadora da realidade condicionante.” (FREIRE, 1981, p. 66). Desta forma, “[...] consciência *de* e ação sobre a realidade são inseparáveis constituintes do ato transformador”, pelo qual nos fazemos seres de relação.

Quando os moradores se apropriam da informação inicia-se outra etapa, a discussão do valor da informação, da autorreflexão do que significa ter acesso e usar a informação para benefício próprio, isso pode ser caracterizado como sendo o empoderamento. A próxima etapa seria alcançar o protagonismo social, o qual tem relação conceitual com o sócio-interacionismo e com o paradigma social da CI, ao deslocar seus atores para o papel principal, por revelar uma dimensão pessoal e ao mesmo tempo plural de convivência com o outro. Os protagonistas são, segundo Perrotti e Pieruccini (2007), simultaneamente sujeitos e objetos dos processos em que estão inseridos, produtores e criadores de significados, sentidos e práticas sociais.

O conceito de protagonismo tem um significado relacional, na medida em que só pode ser compreendido em relação aos diferentes sujeitos, envolvidos num acontecimento, como explica Klein (2009). O que significa dizer que, este conceito visa deslocar seus atores para o papel principal, por revelar uma dimensão pessoal e ao mesmo tempo plural de convivência com o outro, com a comunidade a qual pertence, promovendo ações de diversos níveis, inclusive informacionais, e potencializado uma dinâmica social e cultural no seu contexto, e na sociedade.

Atingir o protagonismo social é, conforme Farias (2014), se tornar um sujeito na plenitude, é participar ativamente de processos decisórios, é consumir e produzir, ser mediador e mediado de práticas sociais. Ser protagonista é ser capaz de expressar seus desejos, suas ideias, valorizando o seu saber, mesmo que seja proveniente do senso comum, participando de forma ativa do espaço público. É segundo Luiz (2009) participar das práticas sociais desenvolvedoras de possibilidades emancipatórias, que contribuem para a construção de uma nova cultura e de uma visão crítica do mundo, mas para isso é preciso lutar contra pensamentos arraigados e deslocados historicamente pela tutela dos que manipulam o conhecimento e o acesso a ele.

Visando desenvolver o protagonismo social nos moradores da CSC, investigamos suas necessidades informacionais, por meio de entrevistas, e os mesmos expressaram que gostariam de participar de uma capacitação, que os preparasse para entrevistas de trabalho, tendo em vista o alto índice de moradores desempregados. Consideramos as características da localidade, da cultura e da lógica do pensamento dos sujeitos da pesquisa no momento da montagem da capacitação, para que o aprendizado ocorresse de forma intensa e valorizada por parte do grupo. Analisamos o perfil dos interessados, com objetivo de organizar o conteúdo e a metodologia da capacitação, nos preocupando com o conhecimento e com os aspectos cognitivos e sociais prévio dos participantes em relação à temática.

Os encontros/diálogos com os moradores para identificar as necessidades informacionais, bem como a capacitação ministrada, se caracterizam como ações de informação, as quais objetivaram promover a aprendizagem, valorizando os hábitos, respeitando a forma de cada morador ser e agir, incentivando a autonomia, prezando pelos saberes individuais e do grupo, suas habilidades e competências, a fim de possibilitar a apropriação de informações, a conscientização do poder de transformação que há dentro de cada um, se caracterizando como ação planejada de interferência do mediador.

Nossa atenção se voltou para a organização do conhecimento que foi disseminado, e na preparação do instrutor da capacitação, que teve o entendimento de que toda essa trajetória poderia ser desfeita e refeita, pois primamos pelo planejamento participativo que trabalha **com** e **para** os moradores, e não na forma convencional de planejar que prima por atuar **de** e **para** o público-alvo.

As características do planejamento participativo estão em sintonia com o paradigma social da Ciência da Informação, o qual conduz o percurso desta pesquisa. Dessa forma, o **com** e **para** demonstraram ser a escolha justa na construção da capacitação, por priorizar a: construção compartilhada, descentralizada e centrada no social; uma visão ampla e abrangente decorrente de visões múltiplas; avaliação processual e responsabilidade compartilhada; em detrimento de uma visão tecnocrática e economicista com base numa construção imperativa e centralizada.

A vontade e o desejo de mudar a atual situação em que se encontram, impulsionaram esses moradores a procurar possibilidades de aprendizado, de interagir com outras pessoas e caminharem para se tornarem protagonistas de suas próprias vidas, começando por se empoderarem das informações que necessitam. É exatamente isso, o que a entrevistada (E8) demonstrou ao expressar que, todo o conteúdo apreendido durante a capacitação será colocado em prática, na busca por trabalho, ou seja, ela demonstra estar consciente do poder das informações que agora detêm.

Percebemos neste contexto, que o empoderamento pode influenciar a vida dos indivíduos e contribuir para que eles atuem de forma ativa na construção das competências necessárias para transformarem suas realidades, o que ocorreu, por exemplo, com a entrevistada (E7), que evidenciou ter compreendido quais são as características que geralmente as empresas buscam nos candidatos, bem como as qualificações específicas de cada vaga, ao afirmar que: “Agora eu sei, as empresas querem pessoas responsáveis e de confiança, ... ah::: e também que tenham vontade de crescer.”

É preciso ressaltar que, temos convicção de que o empoderamento é um conceito complexo e indica, conforme Cappelletti e Martinelli (2010), um processo utilizado para designar o conjunto de conhecimentos, aptidões e habilidades interpessoais. Além disso, Horochovski e Meirelles (2007) alertam que o empoderamento é uma variável multidimensional, e não pode ser generalizada, como algo que se tem ou não de forma absoluta, ou seja, há graus de empoderamento, nunca se é totalmente empoderado, daí a

importância do processo de conscientização por parte dos cidadãos do controle de suas próprias vidas, e do trabalho em comunhão com os outros indivíduos para construir estratégias e ações, visando atingir os objetivos traçados coletivamente, a fim de obter os recursos necessários para toda a comunidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alicerces teóricos que fundamentaram essa pesquisa, bem como a experiência no campo estudado, nos levam a compreender que a informação mediada tem o poder de conduzir o sujeito ao protagonismo social. Este é um processo lento, que deve ser bem planejado por profissionais da informação, que amparados por teorias como o sócio-interacionismo, o construtivismo e a hermenêutica podem mergulhar na realidade dos sujeitos de uma pesquisa, buscando nas suas raízes os subsídios para promover o conhecimento.

A teoria de Vygotsky nos proporcionou a compreensão de que é por meio do diálogo, da mediação e das construções socialmente elaboradas do conhecimento que podemos desenvolver uma pesquisa orientada no paradigma social da CI, o qual na visão de Hjørland e Albrechtsen está voltado para atividades a serem desenvolvidas com os sujeitos, e não apenas para eles, levando em consideração a realidade social, econômica, histórica e política de cada que os cerca.

Por isso, foi preciso a presença de uma prática mediacional com abordagem hermenêutica de Gadamer e sócio-interacionista de Vygotsky, na perspectiva de favorecer o diálogo, as ações de informação e as conexões necessárias entre o mediador e os mediados, pesquisador e sujeitos da pesquisa, enfim, pensando na alteridade e se vendo no outro (Mit-Sein) e como ele se preocupando (sich Sorgen machen um andere).

A partir destas reflexões, compreendemos que a mediação da informação representa uma oportunidade de atuar junto a comunidades urbanas, para ampliar as possibilidades de ação dos sujeitos dessas comunidades no mundo, de modo a serem reconhecidos e se reconhecerem, como uma forma de motivar cada morador a lutar por melhorias para si e para a coletividade, construindo um mundo melhor no presente e para a posteridade.

Entendemos que o mediador, ao atuar em uma comunidade, pode ajudar os moradores, levando ao conhecimento dos interessados, os aspectos que envolvem alguns graus de empoderamento e a necessidade de discussão de todas as informações necessárias para se pleitear políticas, projetos e ações.

É um processo que requer uma alta dosagem de alteridade, de autoconhecimento, de se ver, de se reconhecer no outro. O autoconhecimento seria uma forma primeira de formação de uma competência essencial a de sujeito cognoscente. A alteridade envolve mediação quando do reconhecimento das diferenças, incide sobre um significado coletivo de informação. Essas são características/competências essenciais a um mediador, sem ela não se pode pensar em planejar uma ação de intervenção para a promoção do protagonismo social.

Podemos observar na Comunidade Santa Clara como as interações sociais se constituem em um espaço social, onde as ações de informação ocorreram em um movimento de reconstrução desse espaço físico, tornando-o um lugar para além das heterotopias, um lugar repleto de representações e de manifestações culturais, sociais e históricas. Partindo da premissa do sócio-interacionismo vygotskyano, inferimos que as ações de informação realizadas na CSC **para e com** os moradores produzem conhecimentos, principalmente, a interação dos sujeitos com o meio onde vivem, a partir da carga cultural e histórica que eles trazem, o que está intrinsecamente ligado à prática social.

Concluimos que os laços sociais e a identidade de grupos precisam ser repensados, no sentido de considerar que só a partir do respeito pelo diferente, que se pode compreender o sujeito como único, mas que precisa do outro e de tudo o que o rodeia, e da união para sair do estado de degradação. A única dimensão possível é aquela da experimentação contínua, essa opção, no entanto, requer uma leitura permanente das condições do contexto, um acompanhamento constante de processos, uma presença assídua nos pontos de fragilidade, empreendendo ações voltadas para a escolarização e para a formação, as quais devem ser fortalecidas pelos constructos teóricos da mediação da informação.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Luis A. Conversar para aprender. Gadamer y la educación. **Sinéctica: Revista Electrónica de Educación**, México, v. 23, p. 11-18, jan./2004.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J da. **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-33.

_____. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009.

_____. de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. (Org.). **Gestão da Informação e do Conhecimento**. São Paulo: Editora Polis, 2008, v. 1, p. 41-54.

_____. de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J. P. (Org.) **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p.33-45.

CAPPELLETTI, P.; MARTINELLI, M. **Animare la città**. Percorsi di community building. Trento, Itália: Erickson, 2010.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

FARIAS, M. G. G. (2014). **Análise da produção, implementação e avaliação de um modelo de mediação da informação no contexto de uma comunidade urbana**. 283f. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

FERNÁNDEZ-LABASTIDA, Francisco. Conversación, diálogo y lenguaje en el pensamiento de Hans-Georg Gadamer. **Anuario Filosófico**, 36, p. 55-76, 2006. Disponível em: <<http://dadun.unav.edu/handle/10171/15946>>. Acesso em 05 nov. 2013.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1981.

GADAMER, Hans-George. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GRACIOSO, Luciana de Souza. **Filosofia da linguagem e ciência da informação**: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais. 2008. 176f. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de pós-graduação em Ciência da informação. Rio de Janeiro-RJ: UFF/IBICT/PPGCI, 2008.

HJØRLAND, Birger; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society of Information Science**, v.46, n.6, p. 400-425, 1995.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; MEIRELLES, Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. In: Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, II, Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais – NPMS, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2007.

KLEIN, Otavio J. Para compreender o protagonismo social na construção do telejornalismo em rede. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXII, 2009, Curitiba. **Anais...**, Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009.

LUIZ, Danuta E. C. Capacitação e emancipação: uma relação possível. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 8 n.1 p. 68-88. jan./jun. 2009.

MARTINS, Ana A. L. Mediação informacional: uma perspectiva a partir do campo social da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013.

NASCIMENTO, Denise M.; MARTELETO, Regina M. A informação construída nos meandros dos conceitos da teoria social de Pierre Bordieu. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, Porto Alegre, v.5, n.5, out. 2004.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda L. Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy P. (Orgs.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 47-96.

SCHÖNHERR-MANN, Hans-Martin. **Hans-Georg Gadamer – Wahrheit und Methode**. Copyright: Goethe-Institut e. V., Online-Redaktion Januar 2010. Disponível em: <<https://www.goethe.de/de/kul/wis.html>>. Acesso em 29 out. 2013.

SILVA, Jonathas C. L.; SILVA, Andreia S. R. A mediação da informação como prática pedagógica no contexto da biblioteca escolar: algumas considerações. **Bibl. Esc. em Rev.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 1-30, 2012.

VARELA, A. V. Informação, cognição e mediação: vertentes, contextos e pretextos. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, v. 1, p. 21-45, 2008.

_____. **Informação e Construção da Cidadania**. Brasília: Thesaurus, 2007. v. 1. 167p.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.